CARUSPINUS

EXALTANDO NOSSAS GL

EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL

TRIMESTRAL - Nº. 166 - ANO XXVI - DEZEMBRO 2008 - EDIÇÃO ESPECIAL - 200 EX.

FUNDADOR: *António Francisco Caseiro Marques* · **DIRECTOR:** *Álvaro José Caseiro de Almeida* · **TIPOGRAFIA:** *CopiDouro - Aveiro*

Editorial

Mais uma vez nos encontramos na época natalícia, sempre na esperança de que com a chegada do fim do ano, o novo ano seja bastante melhor que o anterior.

Com a crise mundial que a todos toca, o Natal é uma época onde de alguma forma conseguimos pôr de parte certos problemas e contratempos, para vivermos de modo diferente as festividades que a ninguém deixam indiferentes.

Posto isto, o Caruspinus como meio de divulgação daquilo que se vai passando na nossa terra, lança agora esta edição especial, que tem à partida três objectivos: dar as boas festas a todos e desejar o melhor que possam ansiar para o ano de 2009; dar a conhecer um pouco da história do Natal e das suas tradições; e apelar a todos os Carapitenses quer residentes, quer ausentes de Carapito, para que se associem ao Caruspinus, porque só assim um projecto com esta dimensão e dinâmica pode ter continuidade.

É do nosso interesse continuar a transmitir o que por cá se vai passando, não só aos que se encontram no estrangeiro, ou nos diversos pontos de Portugal, mas também a todos os residentes em Carapito, porque só assim podemos continuar com o projecto.

Ficam os votos de Feliz Natal e um óptimo ano 2009, de toda a redacção que no último meio ano trouxe até nós três edições do Caruspinus, mas também do CCRC, que sempre se mostra disponível em apoiar as iniciativas do Caruspinus.

O Director

O CARUSPINUS E O CCRC DESEJAM A TODOS OS SEUS LEITORES E ASSINANTES UM SANTO E FELIZ NATAL

O Natal é uma das festas mais importantes do cristianismo, a par da Páscoa e do Pentecostes. É no Natal que se celebra o nascimento de Jesus Cristo. A festa é celebrada no dia 25 de Dezembro pela Igreja Católica Romana, pela Igreja Anglicana e por alguns grupos protestantes e no dia 7 de Janeiro pela Igreja Ortodoxa.

Origem do termo

Do latim 'natális', derivada do verbo 'nascor, nascéris, natus sum, nasci', significando nascer, ser posto no mundo. Como adjectivo, significa também o local onde ocorreu o nascimento de alguém ou de alguma coisa. Como festa religiosa, o Natal, comemorado no dia 25 de Dezembro desde o Século IV pela Igreja ocidental e desde o século V pela Igreja oriental, celebra o nascimento de Jesus e assim é o seu significado nas línguas românicas - italiano 'natale', francês 'noël', catalão 'nadal', espanhol 'natal' (navidad de J.C.), português 'natal'.

Em inglês, a palavra que designa o Natal - 'Christmas' - provém das palavras latinas 'Cristes maesse', significando em inglês 'Christ's Mass", missa de Cristo. Muitos historiadores localizam a primeira celebração em Roma, no ano 336 d.C..

De 'natális' deriva também 'natureza', o somatório das forças activas em todo o universo.

Aspectos históricos

No ano 245 d.C., o teólogo Orígenes repudiava a ideia de se festejar o nascimento de Jesus "como se fosse um Faraó". Há inúmeros testemunhos de como os primeiros cristãos valorizavam cada momento da vida de Jesus Cristo, especialmente a sua Paixão e Morte na Cruz. No entanto, não era costume na época comemorar o aniversário e portanto não sabiam em que dia tinha nascido o seu Senhor. Os primeiros testemunhos indicam datas muito variadas, e o primeiro testemunho directo que afirma que Jesus Cristo nasceu no dia 25 de Dezembro é de Sexto Júlio Africano, no ano 221.

De acordo com o almanaque romano, a festa já era celebrada em Roma no ano 336 d.C.. Na parte Oriental do Império Romano, comemorava-se a 7 de Janeiro o seu nascimento, ocasião do seu baptismo, em virtude da não-aceitação do Calendário Gregoriano. No século IV, as igrejas ocidentais passaram a adoptar o dia 25 de Dezembro para o Natal e o dia 6 de Janeiro para a Epifania (que significa "manifestação"). Nesse dia comemora-se a visita dos Magos.

A celebração do Natal de Jesus foi instituída oficialmente pelo Papa Libério, no ano 354 d.C..

Segundo estudos, a data de 25 de Dezembro não é a data real do nascimento de Jesus. A Igreja entendeu que devia cristianizar as festividades pagãs que os vários povos celebravam por altura do solstício de Inverno.

Portanto, segundo certos eruditos, o dia 25 de Dezembro foi adoptado para que a data coincidisse com a festividade romana dedicada ao "nascimento do deus sol invencível", que comemorava o solstício do Inverno. No mundo romano, a Saturnália, festividade em honra ao deus Saturno, era comemorada de 17 a 22 de Dezembro; era um período de alegria e troca de presentes. O dia 25 de Dezembro era tido também como o do nascimento do misterioso deus persa Mitra, o Sol da Virtude.

Assim, em vez de proibir as festividades pagãs, forneceu-lhes um novo significado, e uma linguagem cristã. As alusões dos padres da igreja ao simbolismo de Cristo como "o sol de justiça" (Malaquias 4:2) e a "luz do mundo" (João 8:12) revelam a fé da Igreja n'Aquele que é Deus feito homem para nossa salvação.

As evidências confirmam que, num esforço de converter pagãos, os líderes religiosos adoptaram a festa que era celebrada pelos romanos, o "nascimento do deus sol invencível" (Natalis Invistis Solis), e tentaram fazê-la parecer "cristã". Para certas correntes místicas como o Gnosticismo, a data é perfeitamente adequada para simbolizar o Natal, por considerarem que o sol é a morada do Cristo Cósmico. Segundo esse princípio, em tese, o Natal do hemisfério sul deveria ser celebrado em Junho.

Há muito tempo que se sabe que o Natal tem raízes pagãs. Por causa da sua origem não-bíblica, no século XVII essa festividade foi proibida na Inglaterra e em algumas colónias americanas. Quem ficasse em casa e não fosse trabalhar no dia de Natal era multado. Mas os velhos costumes logo voltaram, e alguns novos foram acrescentados. O Natal voltou a ser um grande feriado religioso, e ainda o é em muitos países.

O ponto de vista da Bíblia

A Bíblia diz que os pastores estavam nos campos a cuidar das ovelhas na noite em que Jesus nasceu. O mês judaico de Kislev, correspondente aproximadamente à segunda metade de Novembro e primeira metade de Dezembro no calendário Gregoriano, e era um mês frio e chuvoso. O mês seguinte é Tevet, em que ocorrem as temperaturas mais baixas do ano, com nevadas ocasionais nos planaltos. Isto é confirmado pelos profetas Esdras e Jeremias, que afirmavam não ser possível estar na rua devido ao frio.

Entretanto, o evangelista afirmava que havia

FICHA TÉCNICA:. Proprietário e Editor: Clube Cultural e Recreativo de Carapito · Sede: Rua do Calvário, Nº 10, 3570-100 Carapito - Aguiar da Beira · Depósito Legal nº 156502/00 · Inscrição no I.C.S. nº 107 120 · N.I.F. 500 932 484 · Tiragem: 200 exemplares · Assinatura Anual - Nacional: 7.5 € ; Estrangeiro: 15 € · Impressão: CopiDouro, Rua Mário Sacramento, nº 49, 3810-106 Aveiro

pastores a viver ao ar livre e a manter vigias sobre os rebanhos à noite perto do local onde Jesus nasceu. Como estes factos seriam impossíveis para um período em que seria impossível estar na rua devido ao frio, logo Jesus não poderia ter nascido no dia em que o Natal é celebrado, e sim na Primavera ou no Verão. Por isso, a maioria dos estudiosos consideram que Jesus não nasceu dia 25 de Dezembro, a menos que a passagem que narra o nascimento de Jesus tenha sido escrita em linguagem alegórica. Diga-se de passagem que visto que Jesus viveu trinta e três anos e meio e morreu entre 22 de Março e 25 de Abril, ele não poderia realmente ter nascido em 25 de Dezembro.

Símbolos e tradições do Natal

Árvore de Natal

Entre as várias versões sobre a procedência da árvore de Natal, a maioria delas indicando a Alemanha como país de origem, a mais aceite atribui a novidade ao padre Martinho Lutero (1483-1546), autor da Reforma Protestante do XVI. Olhando para o céu através de uns pinheiros que cercavam o caminho, viu-o intensamente estrelado parecendo-lhe um colar de diamantes encimando a copa das árvores. Tomado pela beleza daquilo, decidiu arrancar um galho para levar para casa. Chegado lá, entusiasmado, colocou o pequeno pinheiro num vaso com terra e, chamando a esposa e os filhos, decorou-o com pequenas velas acesas afincadas nas pontas dos ramos. Arranjou de seguida papéis coloridos para enfeitá-lo mais um bocado. Era o que ele vira lá fora. Afastando-se, todos ficaram pasmos ao verem aquela árvore iluminada a quem parecia terem dado vida. Nascia assim a árvore de Natal. Queria assim mostrar às crianças como deveria ser o céu na noite do nascimento de Cristo.

Na Roma Antiga, os Romanos penduravam máscaras de Baco em pinheiros para comemorar a festa da Saturnália, que coincidia com o nosso Natal.

Presépio

As esculturas e quadros que enfeitavam os templos para ensinar os fiéis, além das representações teatrais semi-litúrgicas que aconteciam durante a Missa de Natal serviram de inspiração para que se criasse o presépio. A tradição católica diz que o presépio (do lat. praesepio) surgiu em 1223, quando São Francisco de Assis quis celebrar o Natal de um modo o mais realista possível e, com a permissão do Papa, montou um presépio de palha, com uma imagem do Menino Jesus, da Virgem Maria e de José, juntamente com um boi e um jumento vivos e vários outros animais. Nesse cenário, foi celebrada a Missa de Natal.

O sucesso dessa representação do Presépio foi tanta que rapidamente se estendeu por toda a Itália. Logo se introduziu nas casas nobres europeias e de lá foi descendo até às classes mais pobres. Na Espanha, a tradição chegou pela mão do Rei Carlos III, que a importou de Nápoles no século XVIII. A sua popularidade nos lares espanhóis e latino-americanos estendeu-se ao longo do século XIX, e na França, não o fez até inícios do século XX. Em todas as religiões cristãs, é consensual que o Presépio é o único símbolo do Natal de Jesus verdadeiramente inspirado nos Evangelhos.

Decorações natalícias

Uma outra tradição do Natal é a decoração de casas, edifícios, elementos estáticos, como postes, pontes e árvores, estabelecimentos comerciais, prédios públicos e cidades com elementos que representam o Natal, como, por exemplo, as luzes de Natal e guirlandas. Em alguns lugares, existe até uma competição para ver que casa, ou estabelecimento, teve a decoração mais bonita, com direito a receber um prémio.

Anúncio do anjo e nascimento de Jesus

O nascimento de Jesus deu-se por volta de dois anos antes da morte do Rei Herodes, ou seja, considerando que este morreu em 4 a.C., então Jesus só pode ter nascido em 6 a.C.. Segundo a Bíblia, antes de morrer, Herodes mandou matar os meninos de Belém até aos 2 anos, de acordo com o tempo em que apareceu a “estrela” aos magos. (Mateus 2:1, 16-19 -

Era seu desejo livrar-se de um possível novo “rei dos judeus”.)

Ainda, segundo a Bíblia, antes do nascimento de Jesus, Octávio César Augusto decretou que todos os habitantes do Império se fossem recensear, cada um à sua cidade natal. Isso obrigou José a viajar de Nazaré (na Galileia) até Belém (na Judeia), a fim de se registar com Maria, sua esposa. Deste modo, fica claro que não seria um recenseamento para fins tributários.

“Este primeiro recenseamento” fora ordenado quando o cônsul Públio Sulpício Quirínio era governador [em gr. hegemoneuo] da Síria [província imperial]. (Lucas 2,1-3 - O termo grego hegemoneuo significa apenas “estar a liderar” ou "a cargo de". Pode referir-se a um “governador territorial”, “governador de província” ou “governador militar”. As evidências apontam que nessa ocasião, Quirínio fosse um comandante militar em operações na província da Síria, sob as ordens directas do Imperador.)

Sabe-se que os governadores da Província da Síria durante a parte final do governo do Rei Herodes foram: Sentio Saturnino (de 9 a.C. a 6 a.C.), e o seu sucessor, foi Quintílio Varo. Quirínio só foi Governador da Província da Síria, em 6 d.C.. O único recenseamento relacionado a Quirínio, documentado fora dos Evangelhos, é o referido pelo historiador judeu Flávio Josefo como tendo ocorrido no início do seu governo (*Antiguidades Judaicas*, Vol. 18, Cap. 26). Obviamente, este recenseamento não era o “primeiro recenseamento”.

A viagem de Nazaré a Belém - distância de uns 150 km - deveria ter sido muito cansativa para Maria que estava em adiantado estado de gravidez. Enquanto estavam em Belém, Maria teve o seu filho primogénito. Envolveu-o em faixas de panos e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar disponível para eles no alojamento [isto é, não havia divisões disponíveis na casa que os hospedava; em gr. *tô kataluma*, em lat. *in deversorio*]. Maria necessitava de um local tranquilo e isolado para o parto (Lucas 2:4-8). Lucas diz que no dia do nascimento de Jesus, os pastores estavam no campo a guardar os seus rebanhos “durante as vigílias da noite”. Os rebanhos saíam para os campos em Março e recolhiam nos princípios de Novembro.

A vaca e o jumento junto da manjedoura conforme representado nos presépios, resulta de uma simbologia inspirada em Isaías 1:3 que diz: “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não têm conhecimento, o meu povo não entende”. Não há nenhuma informação fidedigna que prove que havia animais junto do recém-nascido Jesus. A menção de “um boi e de um jumento na gruta” deve-se também a alguns Evangelhos Apócrifos.

A estrela de Belém

Após o nascimento de Jesus em Belém, ainda governava a Judeia o Rei Herodes, chegaram do Oriente a Jerusalém uns magos guiados por uma estrela ou um objecto controverso que, segundo a descrição do Evangelho segundo Mateus, anunciou o nascimento de Jesus e levou os Três Reis Magos ao local onde este se encontrava. A natureza real da Estrela de Belém é alvo de discussão entre os biblistas.

Visita dos magos

Os “magos”, em gr. magoi, que vinham do Leste de Jerusalém, não eram reis. Julga-se que terá sido Tertuliano de Cartago, que no início do Século III terá escrito que os Magos do Oriente eram reis. O motivo parece advir de algumas referências do Antigo Testamento, como é o caso do Salmo 68:29: “Por amor do Teu Templo em Jerusalém, os reis te trarão presentes.”

Em vez disso, os “magos” eram sacerdotes astrólogos, talvez seguidores do Zoroastrismo (religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro). Eram considerados “Sábios”, e por isso, conselheiros de reis. Podiam ter vindo da Babilónia (actual Iraque), mas não podemos descartar a Pérsia (actual Irão). São Justino, no Século II, considera que os Magos vieram da Arábia (península Arábica). Quantos eram e os seus nomes, não foram revelados nos Evangelhos Canónicos. Os nomes de Gaspar, Melchior e Baltazar constam dos Evangelhos Apócrifos. Deduz-se terem sido 3 magos, devido aos 3 tipos de presentes. Tampouco se menciona em que animais os Magos vieram montados.

Outro factor muito importante tem a ver com a existência de uma grande comunidade de raiz judaica na antiga Babilónia, o que sem dúvida teria permitido o conhecimento das profecias messiânicas dos judeus, e a sua posterior associação de simbolismos aos fenómenos celestes que ocorriam.

Álvaro Almeida
(in wikipedia.org)